

## Serra e Marta\*

**Silvio Caccia Bava**

*Silvio Caccia Bava é sociólogo, coordenador executivo do Instituto Pólis e membro do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional.*

Publicado em: 06/10/2004

*Afinal, em que o Serra se diferencia da Marta, e vice-versa?*

Chegamos ao segundo turno aqui em São Paulo com alguma surpresa em relação às previsões feitas pelas pesquisas, mas com os candidatos já esperados: Serra e Marta. PSDB e PT. Os dois partidos que disputam nacionalmente estas eleições.

Agora, no segundo turno, teremos de escolher um deles. Mas como fazer essa escolha sem fazer uma pergunta que a vasta propaganda eleitoral que nos envolveu não consegue responder? Afinal, em que o Serra se diferencia da Marta, e vice-versa?

A dificuldade em responder essa pergunta é decorrência das estratégias eleitorais e alianças de cada um dos partidos, que acabaram por buscar mais a soma que a diferença com outras forças políticas. E, como se sabe, buscar o consenso dilui as identidades e leva a deixar as coisas como estão. Essa estratégia reduz drasticamente as possibilidades de um dos lados se comprometer com mudanças na sociedade e no poder.

Estas eleições municipais em São Paulo não tiveram embates partidários, polarizações ideológicas, disputas de programas, avaliações da gestão. Os poucos debates na TV já estavam limitados pelas alianças feitas anteriormente, evitando justamente o que o primeiro turno propõe como substantivo: que o eleitor possa perceber e diferenciar as propostas dos partidos e de seus candidatos.

Houve uma despolitização da campanha eleitoral. Ela foi marcada principalmente pela discussão das qualidades e defeitos pessoais dos candidatos: competente para governar, dedicado, corajoso, experiente etc. Deixou-se de lado o futuro da cidade. Ou se fizeram promessas tão mirabolantes que se torna difícil para o eleitor acreditar. Talvez essa seja uma marca difícil de ser superada.

Quando o PT se desloca para o centro, buscando ampliar seu eleitorado, ele abandona sua característica mais inovadora, de ser um partido criado pelos movimentos sociais para reverter as políticas e os processos que geram a injustiça, a pobreza e a exclusão social. E sobre esta perspectiva a atual prefeita teria muitos argumentos a apresentar, começando por explicar quem paga a conta das novas taxas criadas, quem ficou isento desse pagamento, e para onde está sendo destinado esse dinheiro. Ou valorizar a decisão de ceder o espaço das vias públicas para os corredores de ônibus, sacrificando a circulação dos automóveis. A grande maioria da população desta cidade se sentiria beneficiada, protegida pela ação do poder público.

O objetivo de ampliar o eleitorado das classes médias poderia ser conquistado de outra forma, valorizando a autonomia do Governo municipal e identificando e polemizando com as ações do Governo federal que reconcentram receita e poder. Um debate necessário que permitiria à prefeita assumir a bandeira e a liderança do municipalismo, se colocando em defesa dos interesses de São Paulo, de uma São Paulo de todos, que se sobrepõe ao interesse partidário.

Ao abrir mão de seu caráter inovador e de defesa dos interesses dos excluídos, o PT passa a se confundir com o PSDB, com um discurso sobre a competência do administrador e sobre uma ética de moralização do serviço público, que tem sido explorado positivamente pelo Governo do estado e pelo candidato Serra.

O sentido maior deste discurso do PSDB é o de que não é preciso mudar. Basta ser um bom governante e dirigir bem as mesmas políticas de sempre, que têm beneficiado as elites desta cidade, assim como nos oito anos de gestão federal tucana beneficiou as elites do país. Não interessa neste caso discutir a política de segurança pública, as ações muitas vezes criminosas da polícia; a construção do Rodoanel, de duvidosa eficácia e com todas as agressões ambientais que ele provoca; ou a política da Sabesp, o preço e a situação da água e do saneamento básico em São Paulo. Todas responsabilidades do PSDB no Governo do estado que impactam a vida dos paulistanos.

Se for para trocar seis por meia dúzia, e deixar de enfrentar os problemas que a maioria dos paulistanos vive nesta enorme e desigual cidade, então tanto faz. Tanto pode ser Serra como Marta. Neste caso PSDB e PT se confundem. Mas se queremos um futuro promissor para a vida dos paulistanos, se queremos uma cidade justa, democrática e sustentável, então cabe aos candidatos dizerem como chegaremos lá.

\*Texto originalmente publicado no jornal *Diário de São Paulo* de 05 de outubro de 2004.